

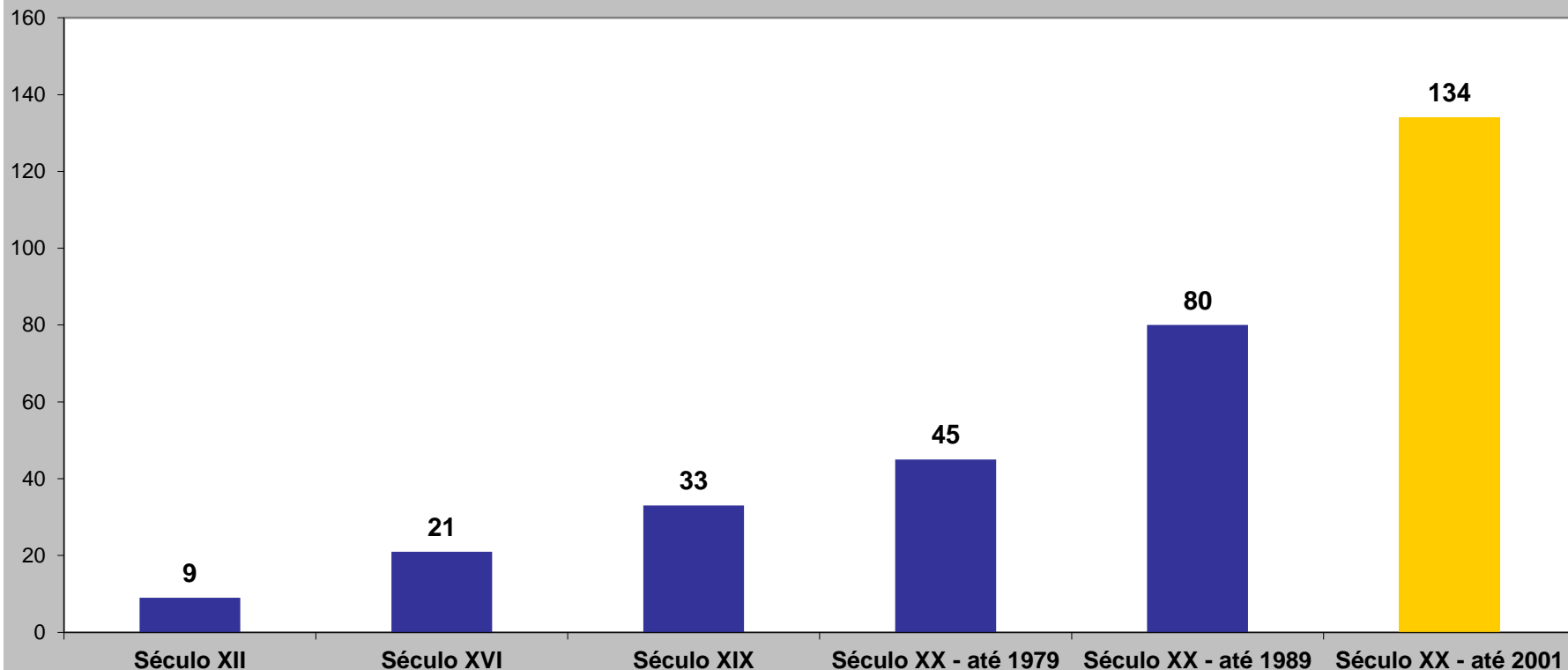
Da cidade insustentável à nova agenda urbana

Helena Roseta

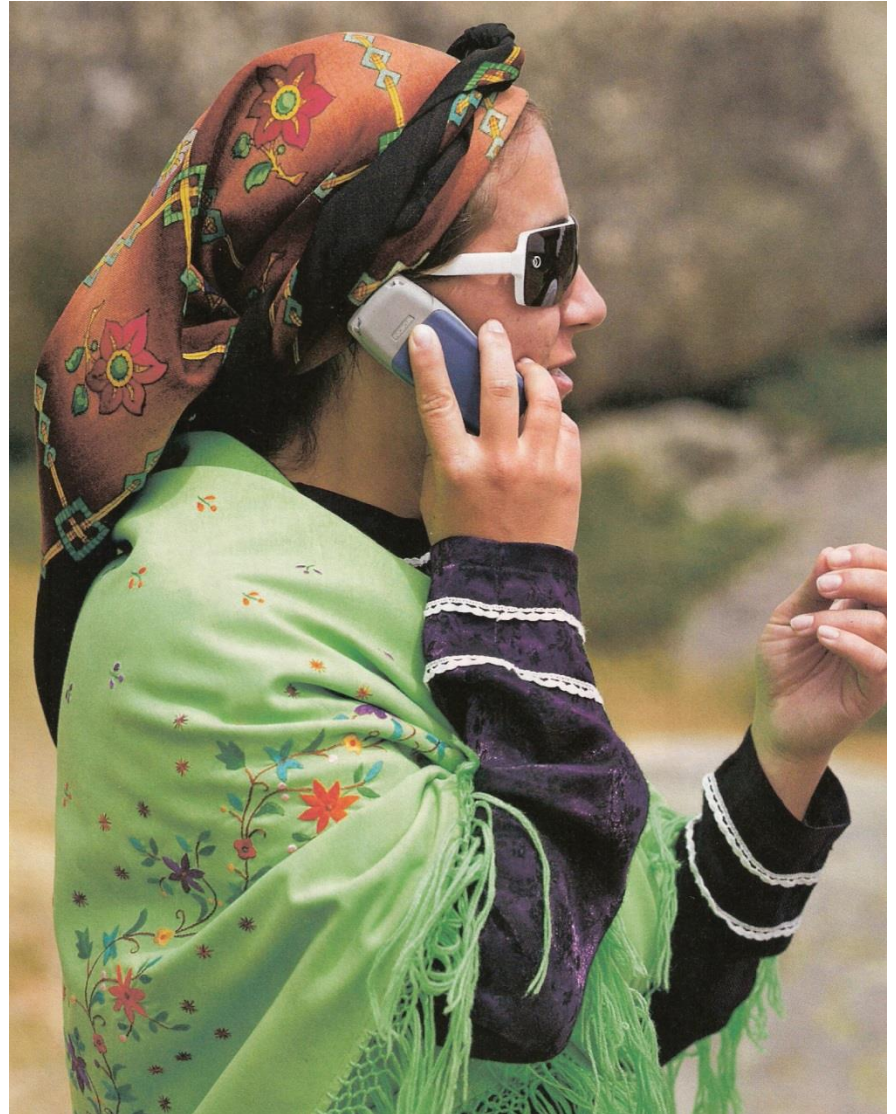
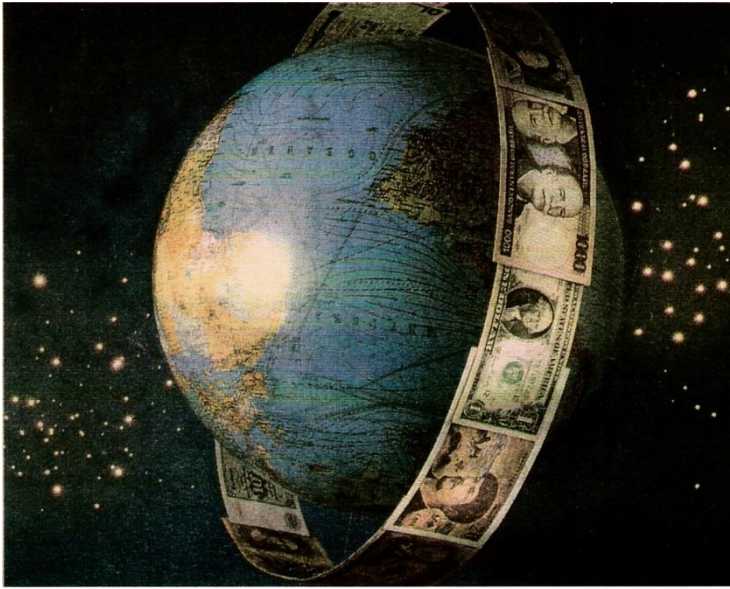
Audição pública
11^a Comissão Permanente
Assembleia da República
13.12.2016

Em Portugal, a concentração urbana é um fenómeno tardio. Com o 25 de Abril e o regresso das ex-colónias , o processo de urbanização e suburbanização acelerou, com novas cidades, novos modelos de família e novas necessidades.

Evolução histórica do número de cidades em Portugal



E com a globalização mudaram profundamente os estilos de vida



Mudou também o rosto de muitas das nossas cidades





Assistimos à
desertificação acelerada
dos centros históricos e
ao crescimento
desordenado das
periferias



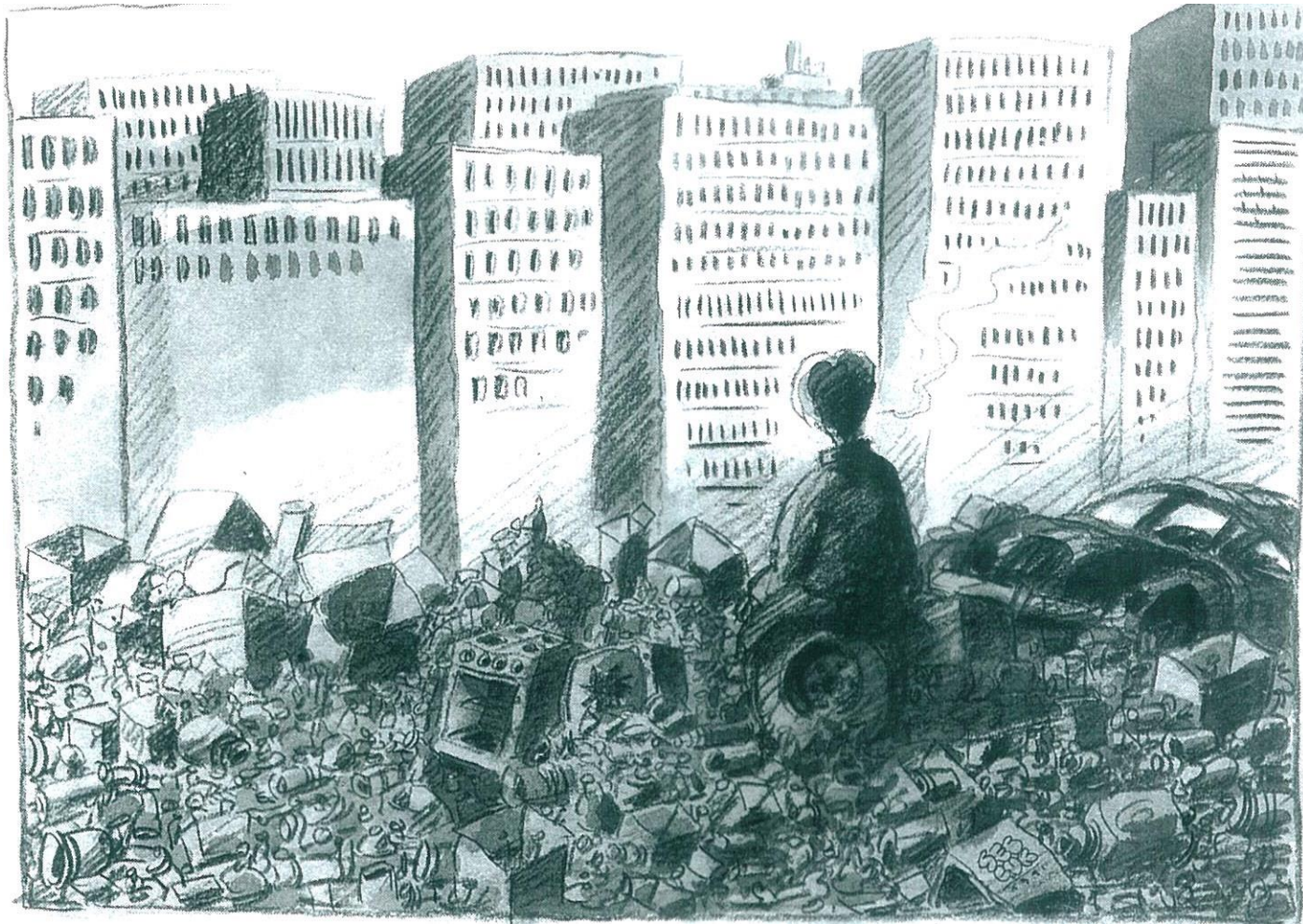
Assistimos agora à proliferação do alojamento local e aos riscos de “turistificação” e gentrificação das nossas maiores cidades



Entretanto cresceram os grandes paradoxos urbanos, a começar pelo **paradoxo da solidão**: quanto maior o número de pessoas, maior a quantidade de situações de isolamento e de indiferença.

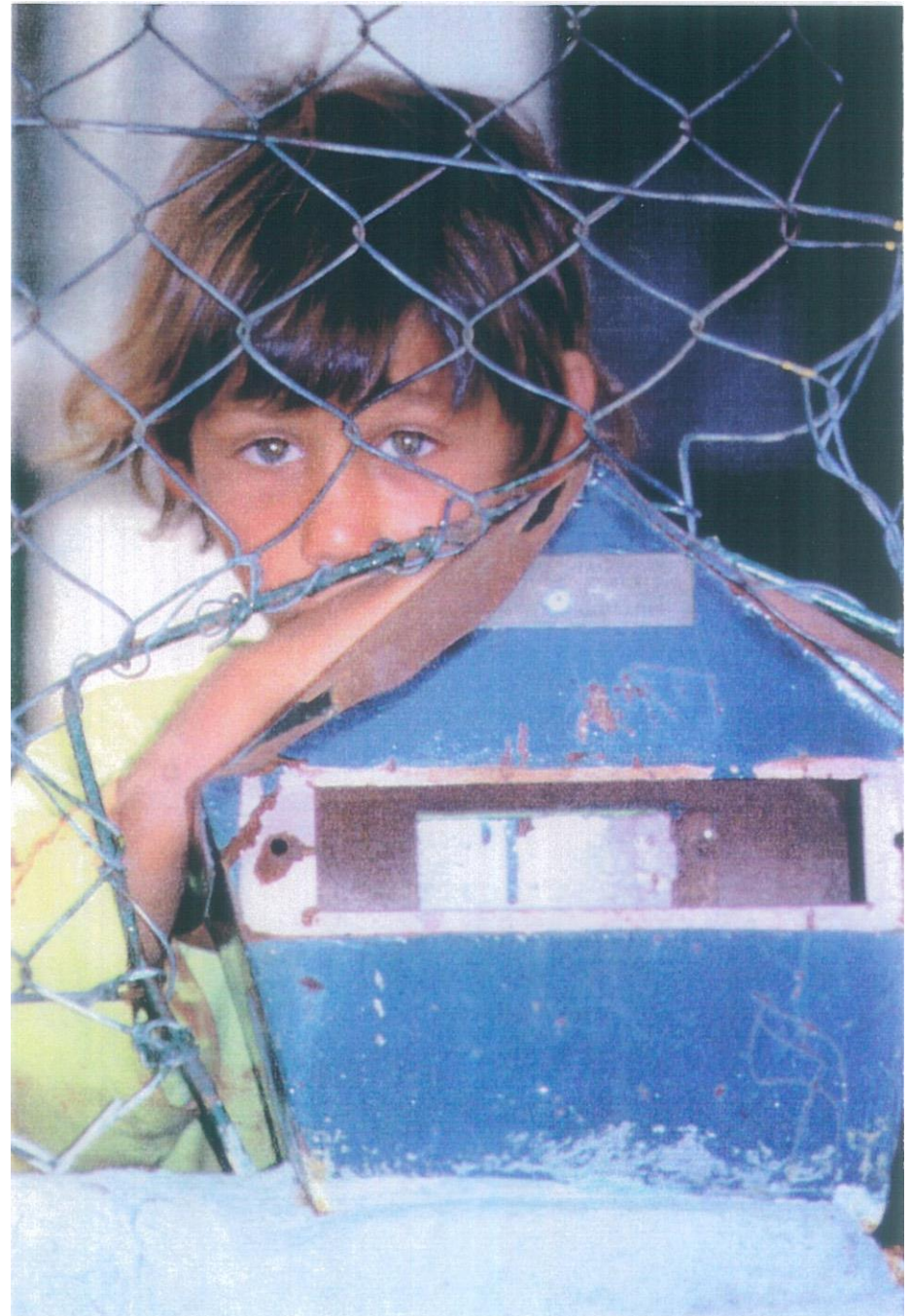


O **paradoxo da abundância**: quanto mais a cidade oferece, menos satisfaz. A banalização do supérfluo coexiste com as maiores privações.

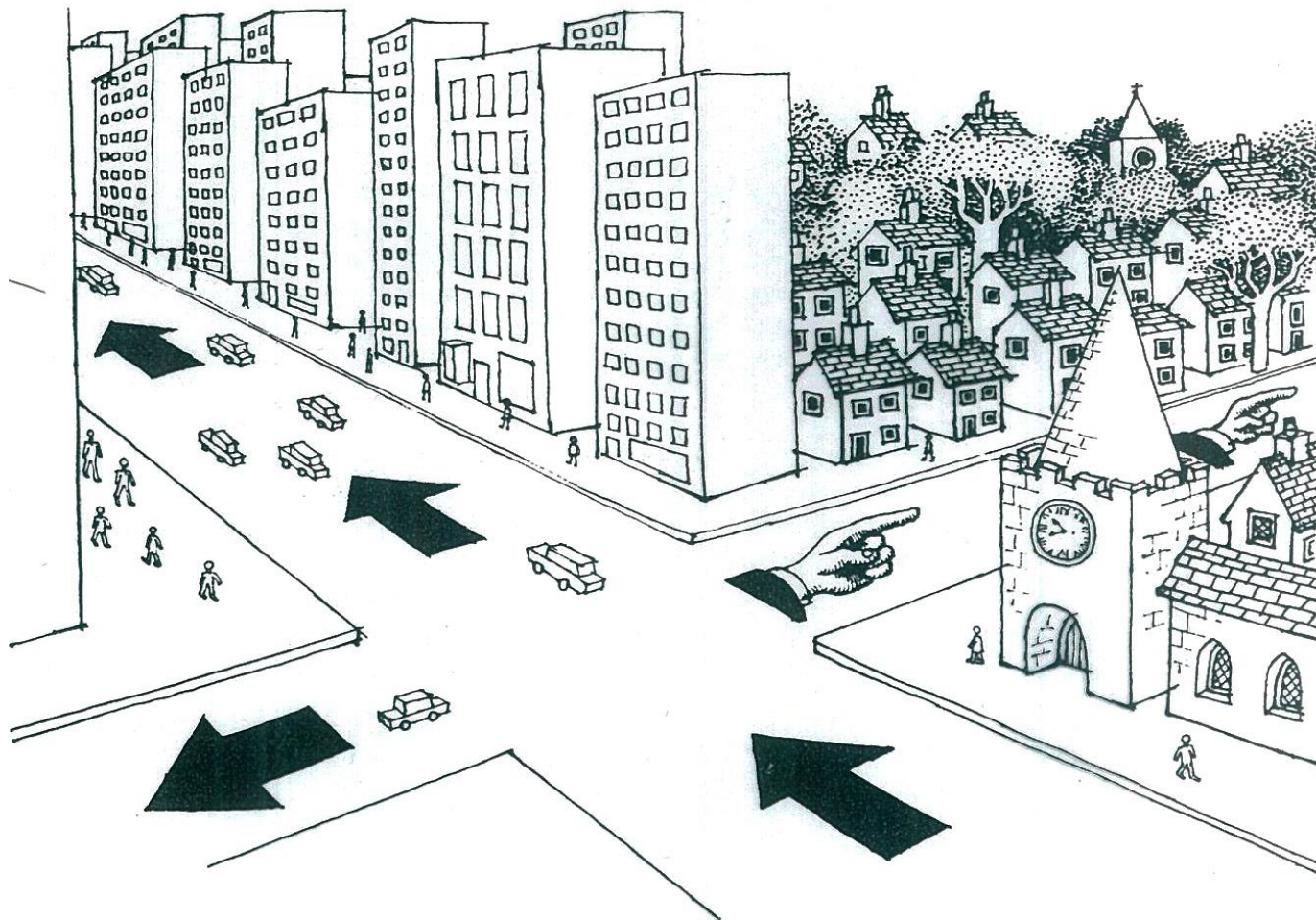


O paradoxo demográfico: quanto mais envelhecidas, mais fechadas se tornam as sociedades urbanas; quanto mais fechadas, maior o desequilíbrio demográfico.

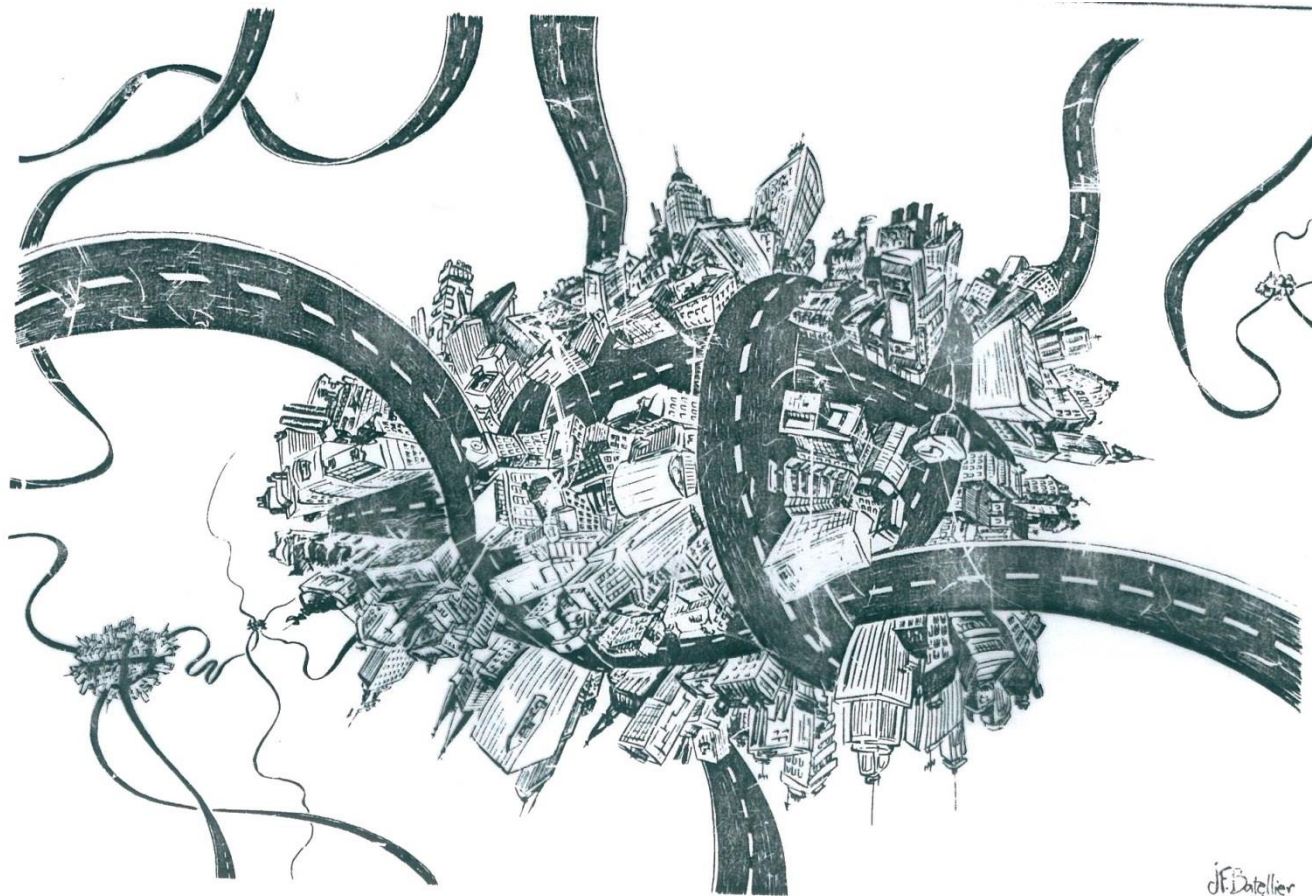
As fronteiras geográficas foram substituídas pelas fronteiras do medo.



O **paradoxo da identidade**: quanto mais se desenvolve a cidade, mais se desfigura. A forma segue a **finança**.



O paradoxo da mobilidade: gastamos cada vez mais dinheiro para fazer cada vez mais acessos, que ficam cada vez mais engarrafados, fazendo-nos perder cada vez mais tempo.

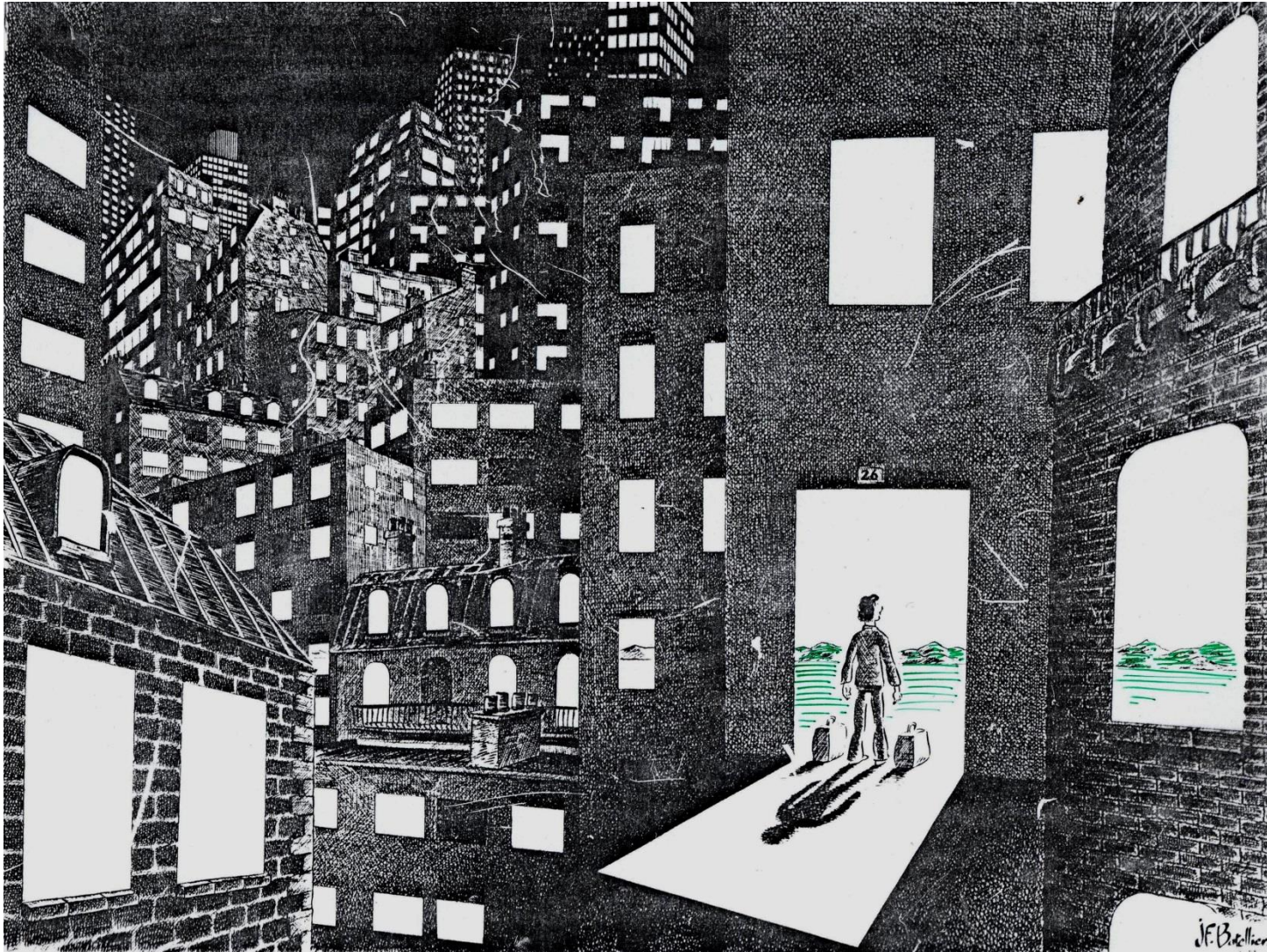




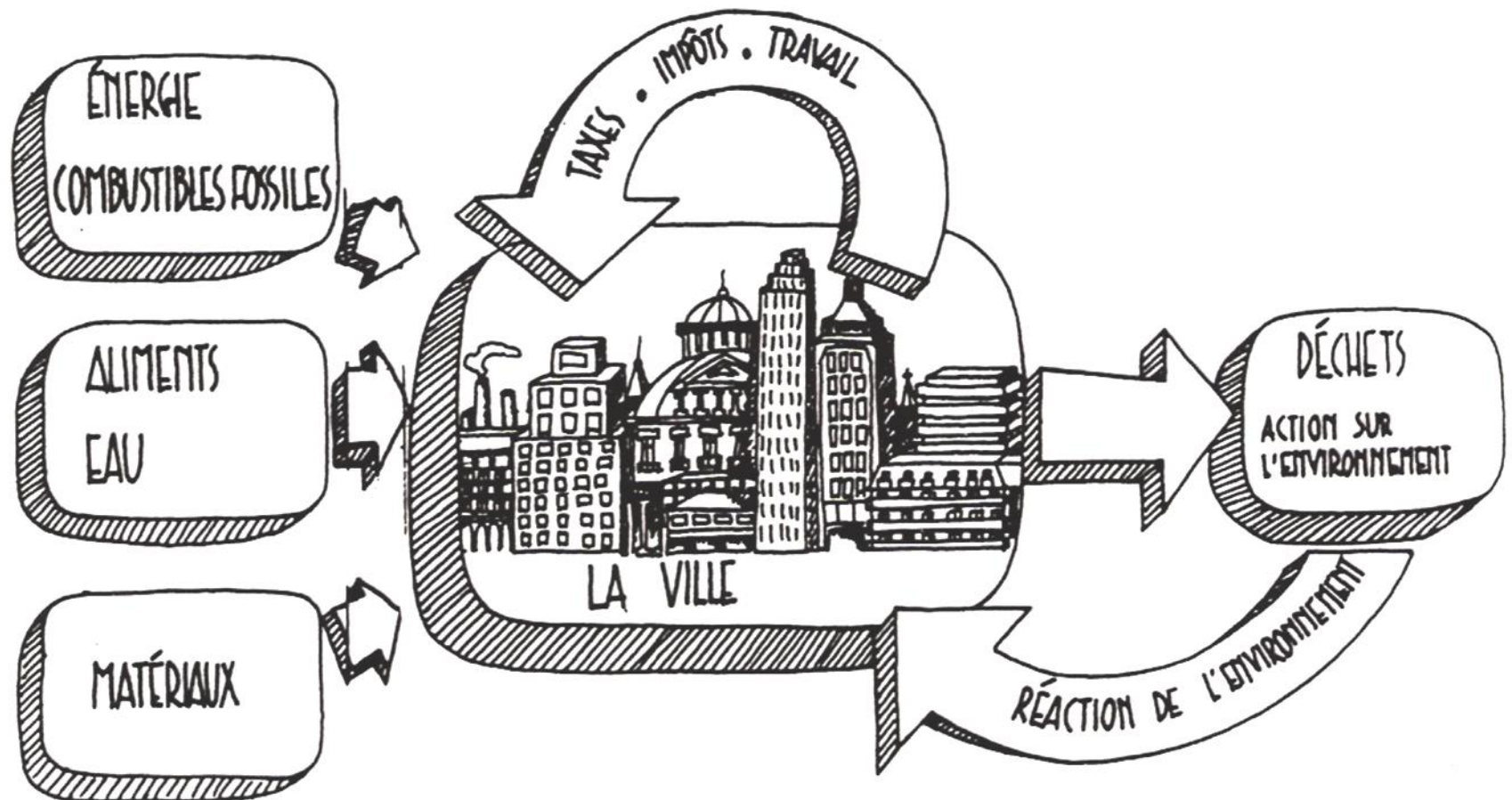
O paradoxo do progresso

Temos cada vez mais capacidade para fazer face às necessidades contemporâneas; mas estamos a tornar as cidades cada vez mais vulneráveis e desiguais.

Não se resolvem estes paradoxos com mais do mesmo -
precisamos de alternativas



Temos de olhar para a cidade como um **ecossistema**, com componentes naturais, artificiais e virtuais - sustentável e não predador



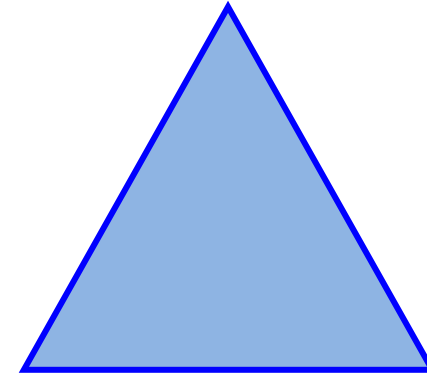
O desafio da **Nova Agenda Urbana** é o de saber planejar e gerir cidades tendo sempre em conta, e a mesmo tempo, **as quatro dimensões da sustentabilidade urbana**

**Estocolmo
1972**

ambiente ————— economia

**Rio de
Janeiro
1993**

ambiente



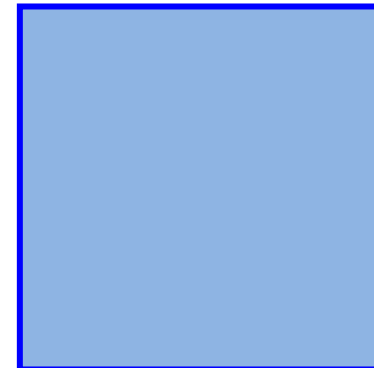
economia

social

**Quito
2016**

ambiente

social



economia

cidadania

Os desafios são múltiplos.

Como recuperar o conceito de serviço público nas grandes redes e infra-estruturas?

Como garantir o acesso à habitação, aos direitos sociais, ao espaço público e à qualidade de vida na cidade?

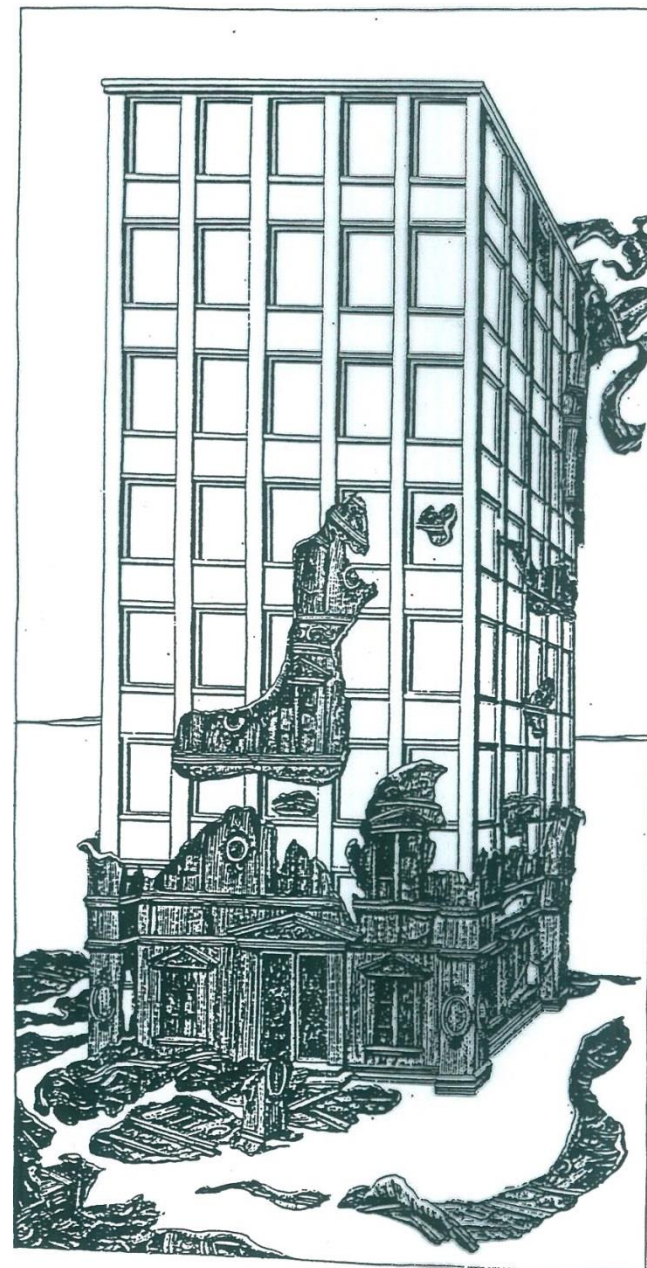
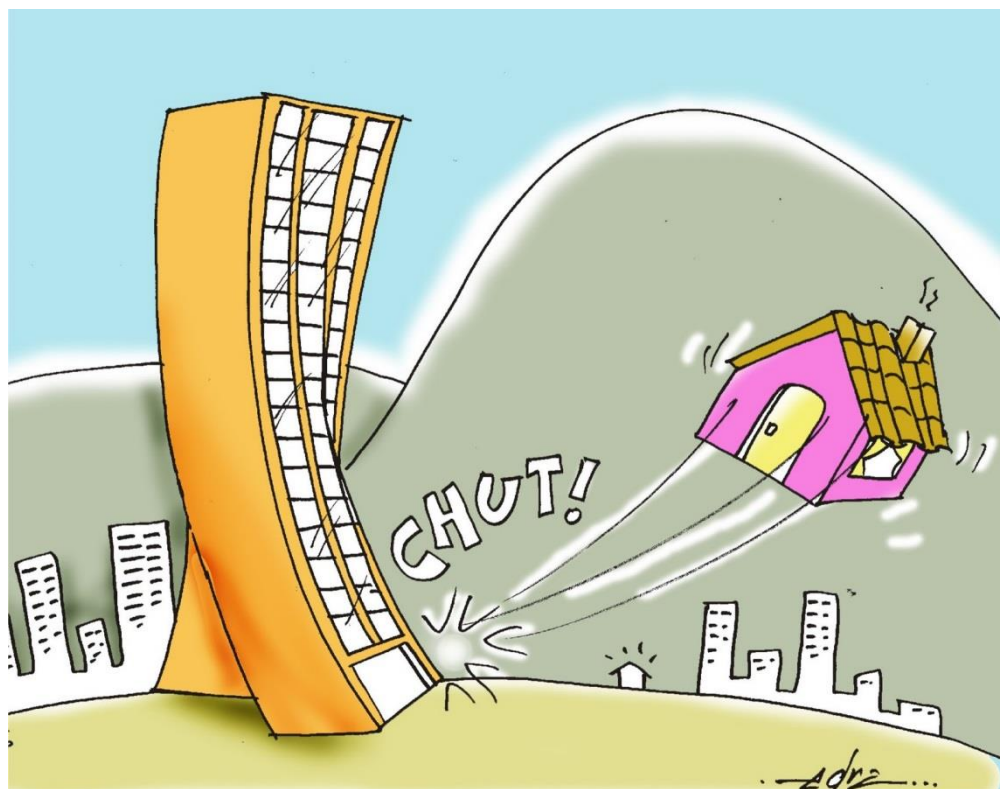


Como promover novas formas e estilos de vida amigos do ambiente e abertos ao diálogo intercultural?

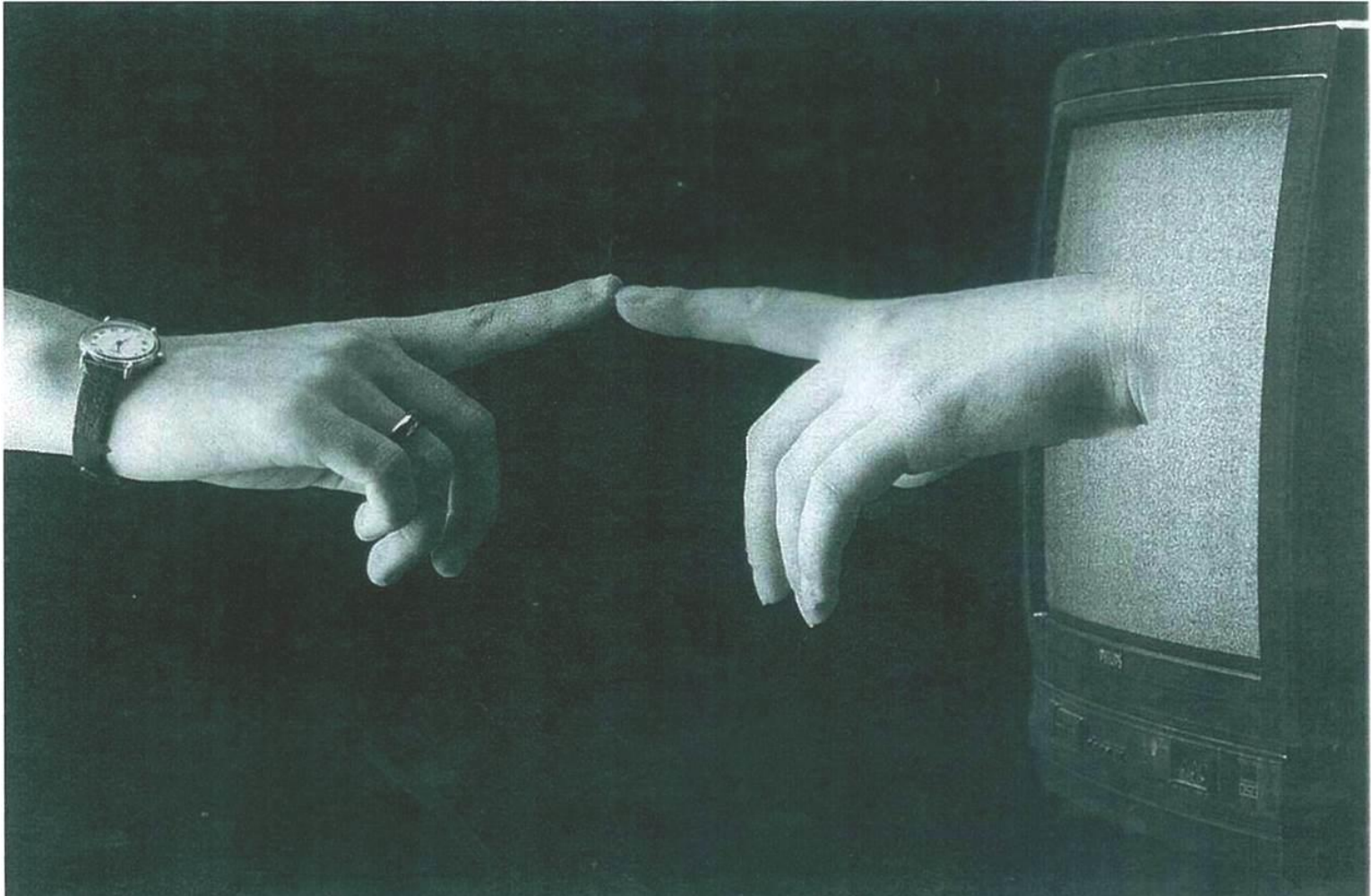


Como garantir a transparência e combater a especulação imobiliária?

Como reabilitar sem destruir?

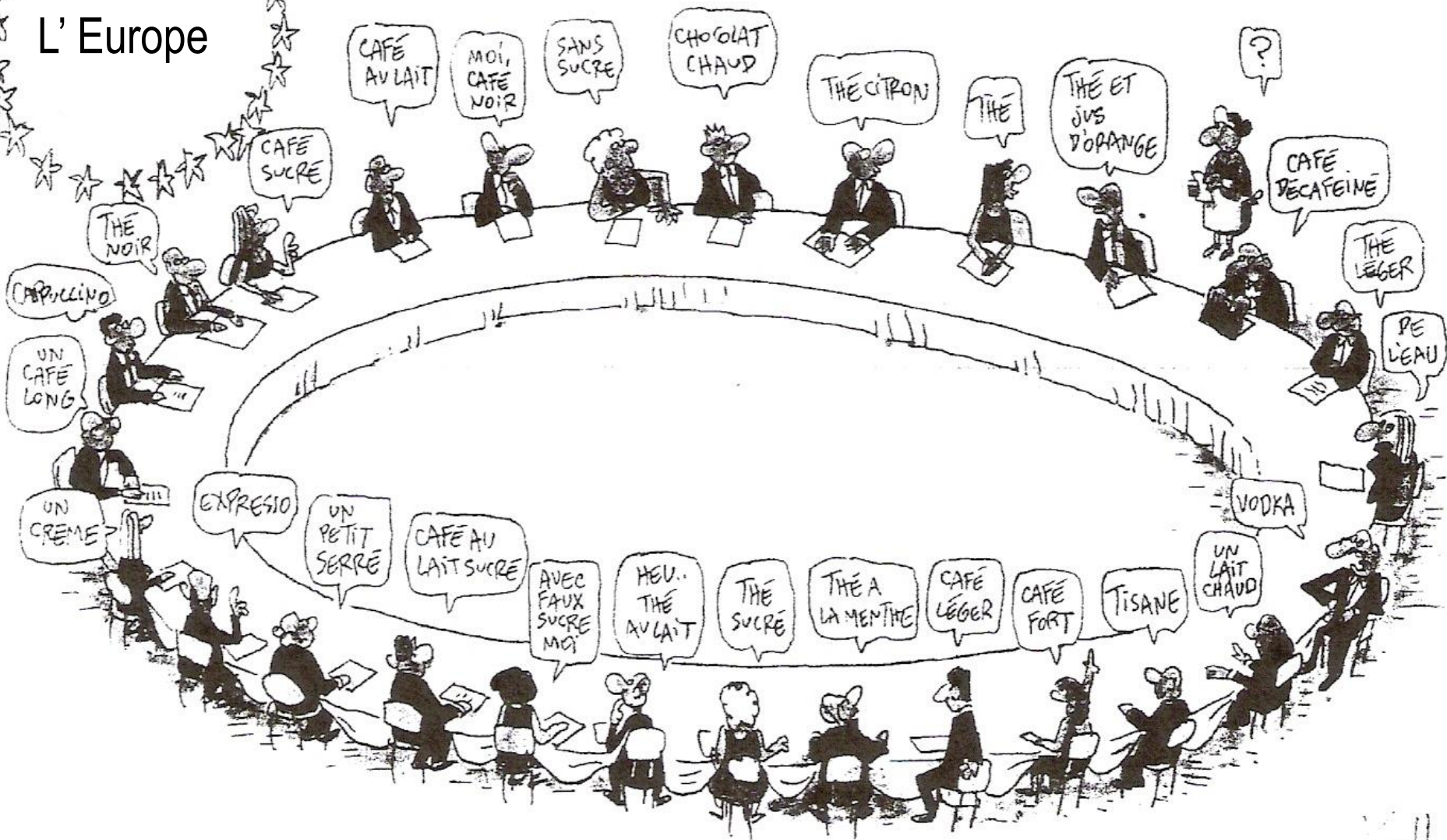


Como desenvolver a democracia participativa na concepção e gestão da cidade?



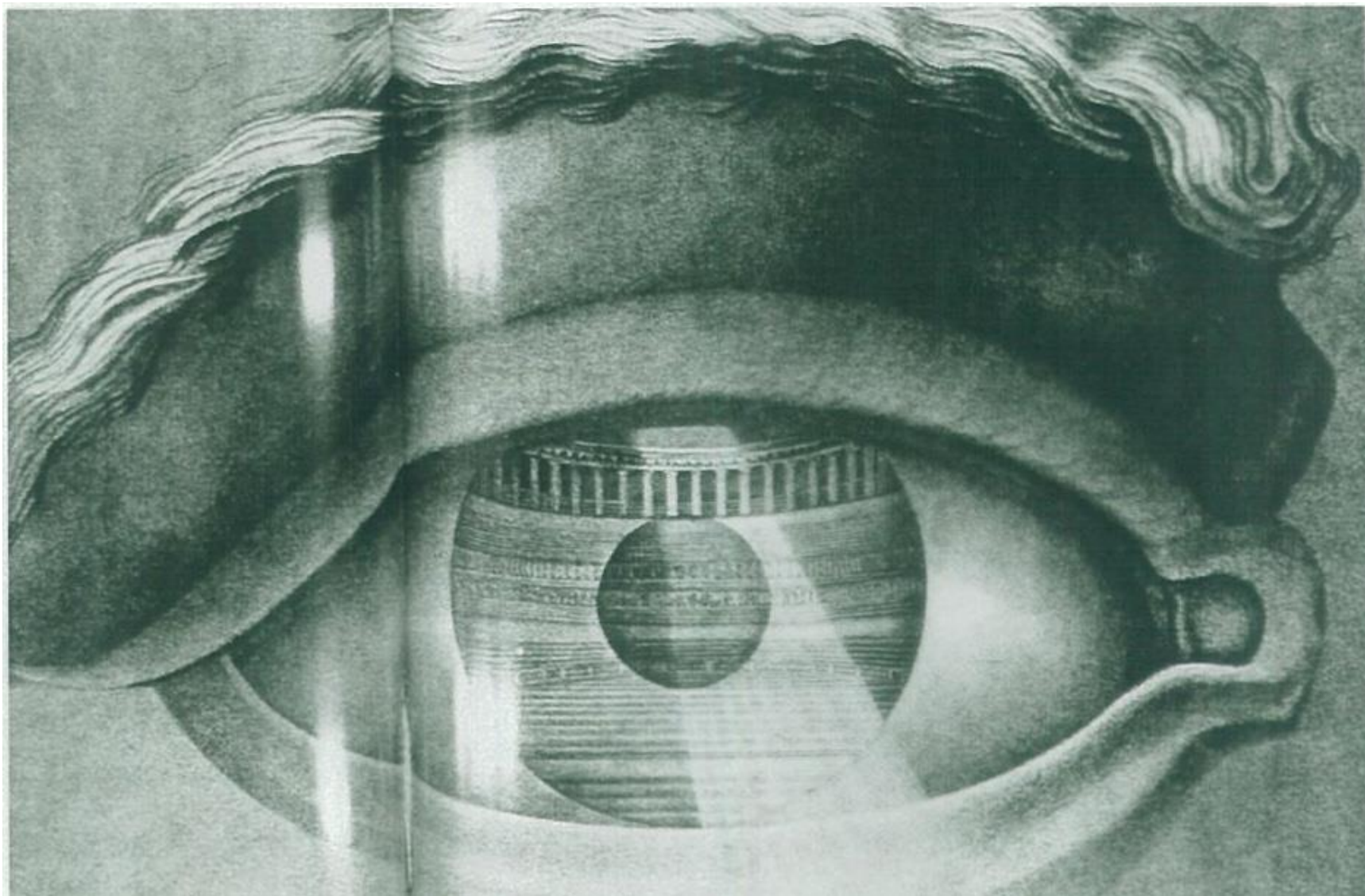
Como sobreviver à desconstrução europeia?

L'Europe



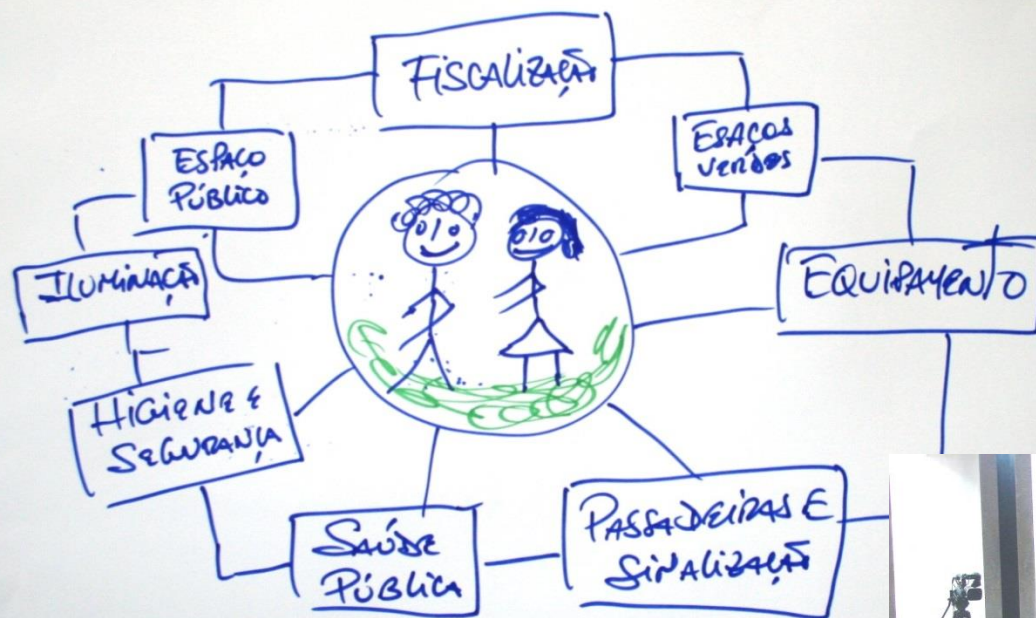
10

O planeamento não pode continuar a ser o “olho vigilante” com todo o poder aos decisores

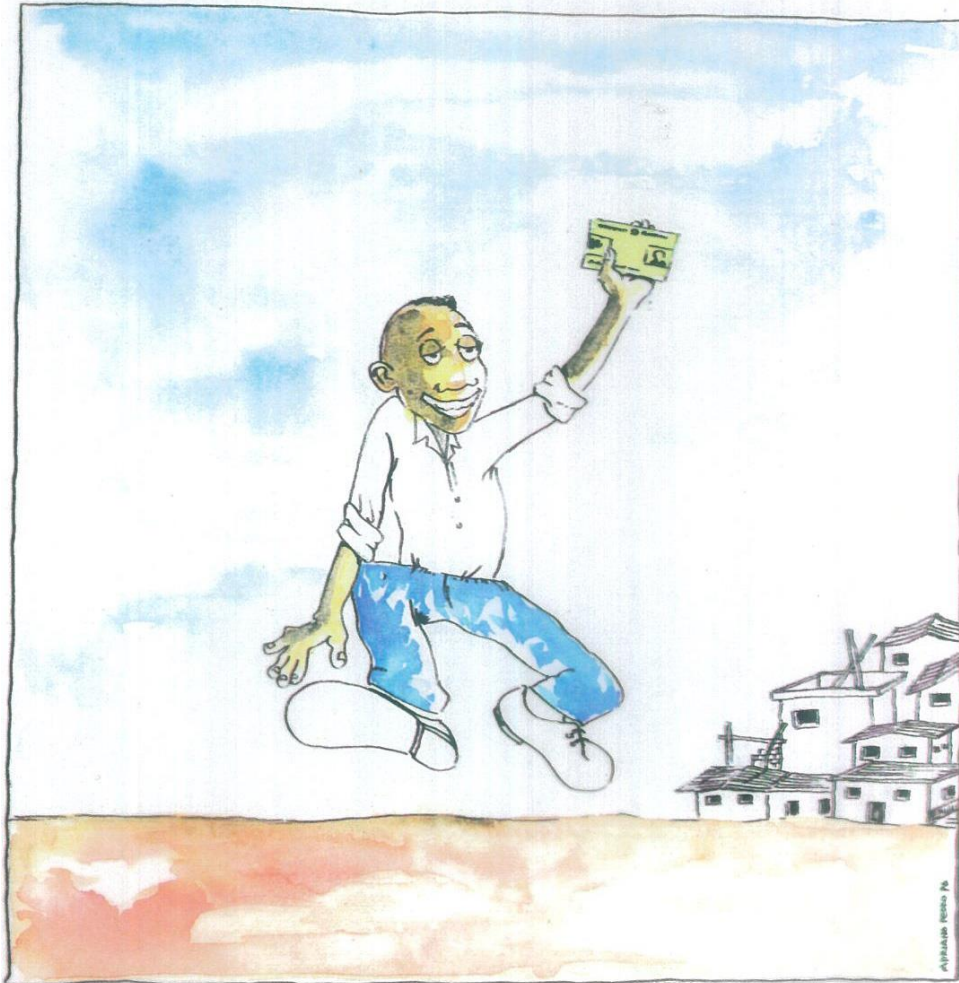


Precisamos de novas formas de planeamento e decisão, de baixo para cima e participadas

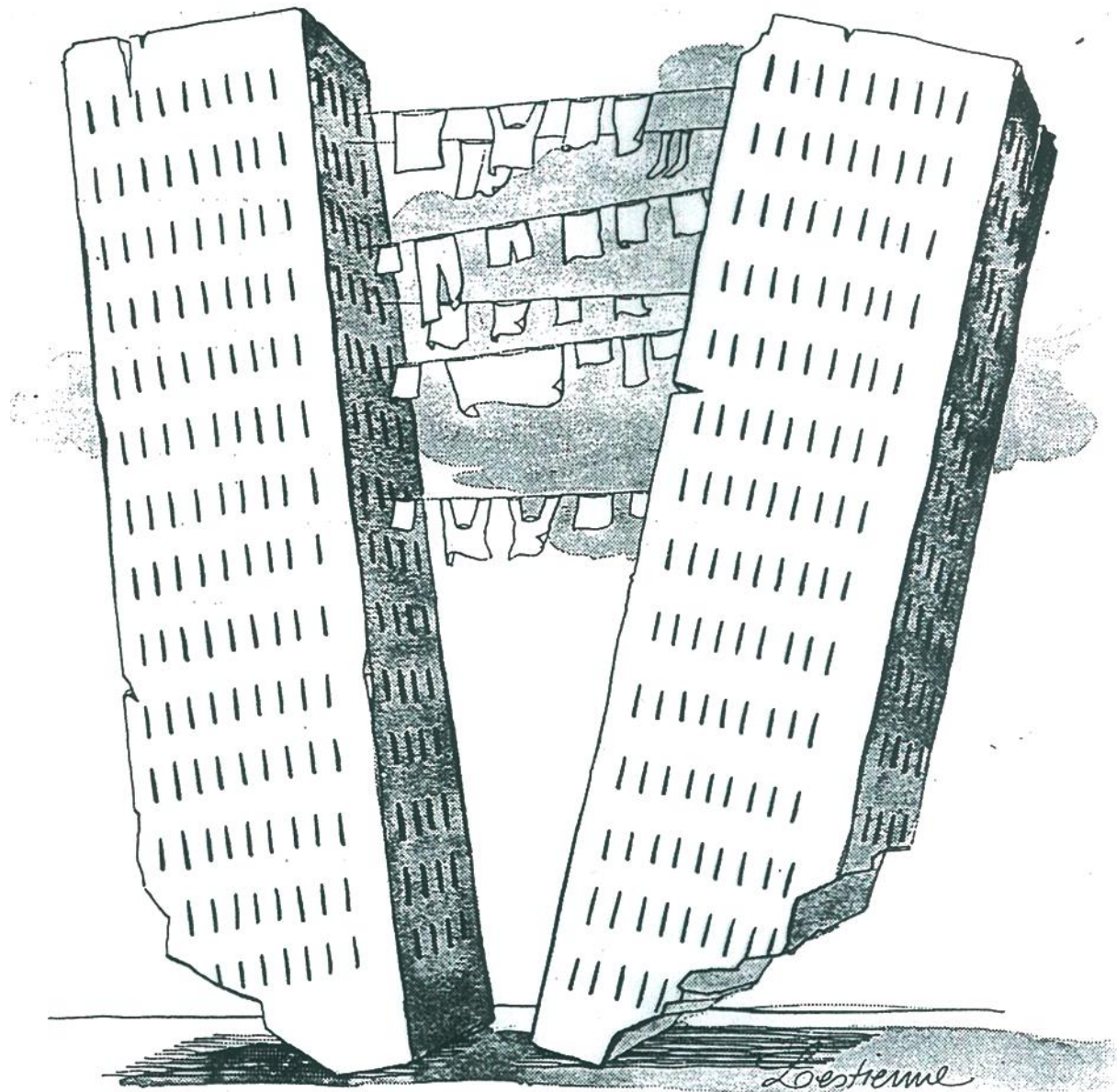
- 1- PLANEAMENTO E CONSTRUÇÃO CENTRALIZADOS CML
- 2- GESTÃO E MANUTENÇÃO DESCENTRALIZADOS PARA J.F.



O direito à cidade passa pelo reconhecimento dos direitos de cidadania. Sem sentimento de pertença não há desenvolvimento urbano possível.



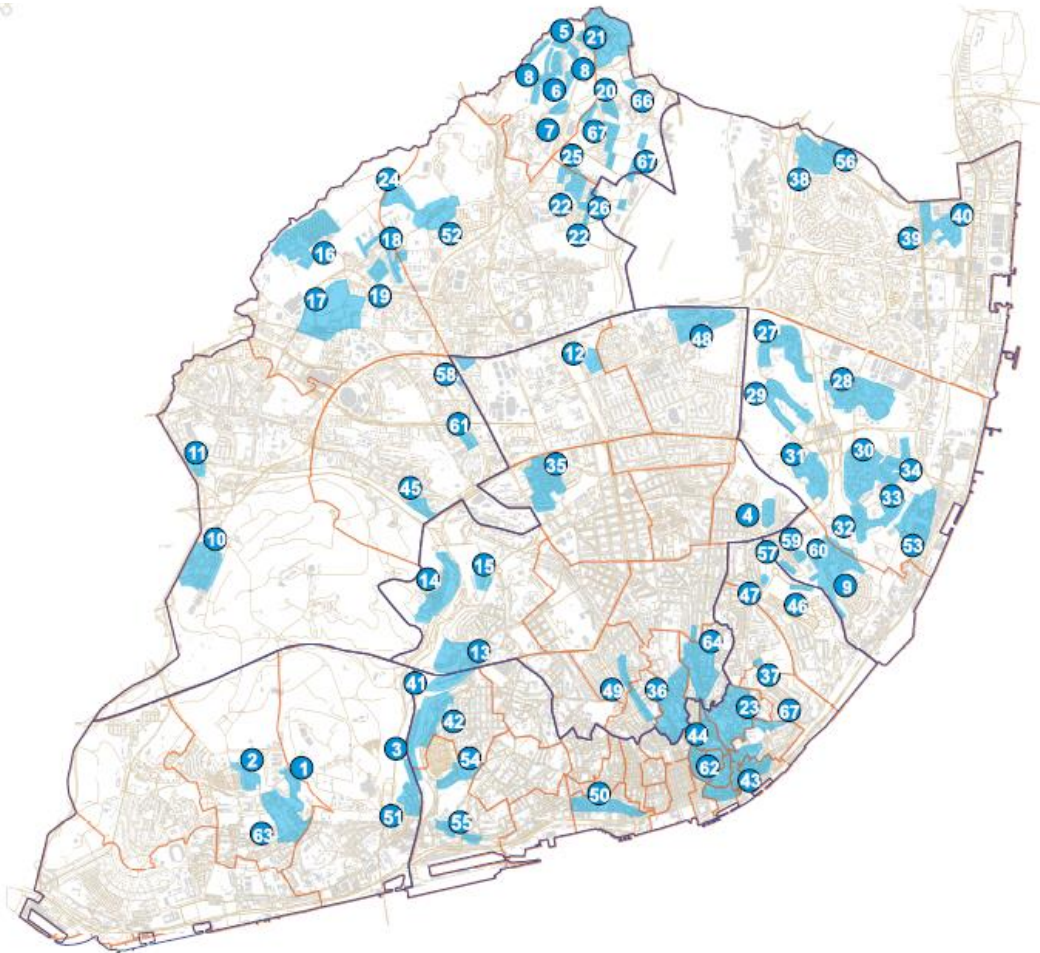
Mesmo nas
situações mais
difíceis é sempre
possível
melhorar a
qualidade de
vida das pessoas.



É sempre possível fazer diferente, mesmo em contraciclo.



Temos de inventar novos conceitos – como os BIP-ZIP em Lisboa.



Os BIP-ZIP são bairros e zonas de **intervenção prioritária**, onde é maior o dever de intervenção do município.

A **Carta dos BIP-ZIP** de Lisboa contém 67 territórios e foi aprovada pela Assembleia Municipal em 2011.

Precisamos de novos modelos de realojamento. No Bairro da Boavista, 400 fogos irrecuperáveis têm de ser demolidos.

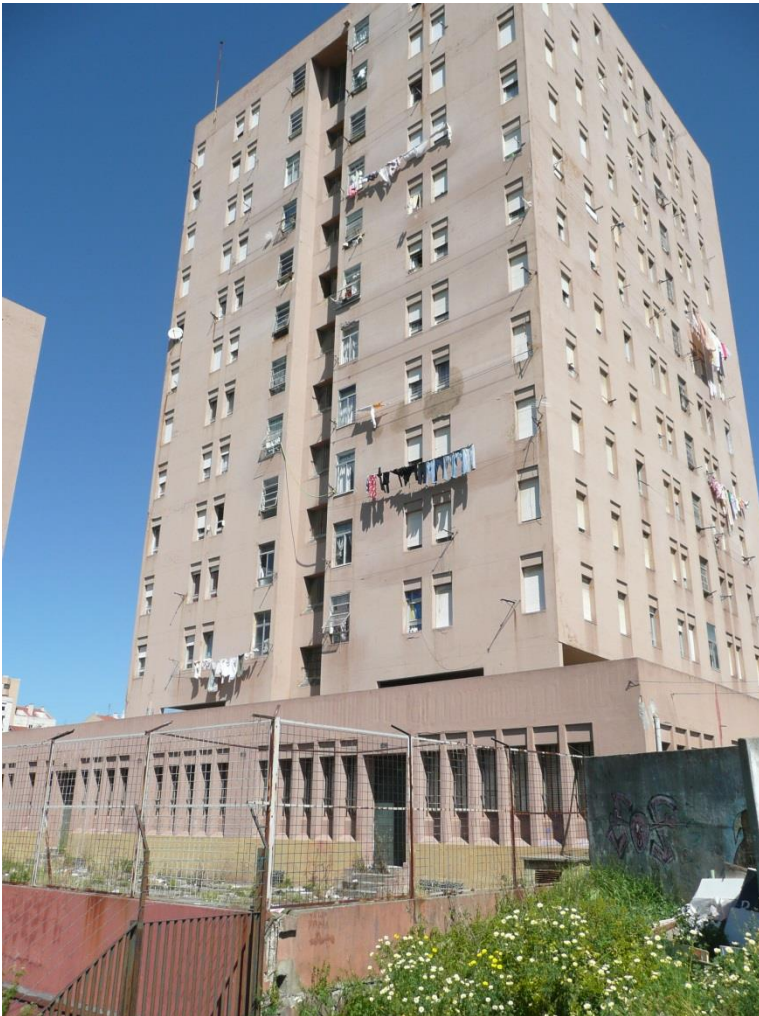


Mas em vez de deslocalizar, vamos reconstruir e realojar **in loco** 500 famílias, em casas ecológicas e de escala humana, financiadas pelo BEI.





Nas Torres do Alto da Eira, viveu-se uma história oposta à das Torres do Aleixo.



- 2 torres de 11 pisos, 6 fogos por piso, construídas em 1976 para realojamento de barracas.
- Estado de degradação agravado pela ausência de investimento da Câmara.
- 228 moradores, 99 famílias, vários fogos devolutos. População envelhecida, gostavam da casa e do bairro (perto da Graça) mas não do prédio, que era malvisto.



Depois de um processo de avaliação multicritério, participado pelos moradores, venceu a reabilitação in loco. As obras estão em curso e os moradores conseguiram reconquistar o acesso às suas casas.



Muitos exemplos em todo o mundo mostram que é preciso um novo modelo de exercício do poder



O desafio que temos pela frente é o de sermos capazes de engendrar e pôr em prática esse novo modelo – de um poder partilhado, transparente e com vigilância cidadã. É esse o maior desafio da nova agenda urbana.